

Sistema sexo-gênero (conceito)

Escrito por: Gabriela Moncau.

Publicado em: 11/12/2018

Que relações são essas por meio das quais uma mulher se torna uma mulher oprimida? Com essa pergunta em mente e com o objetivo de buscar uma explicação para a origem da opressão às mulheres, a antropóloga e militante feminista estadunidense Gayle Rubin (1949-) apontou, em 1975, a existência de um “sistema sexo-gênero”, que ela define como “os arranjos por meio dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produto da atividade humana”. O ensaio em que apresenta o conceito, *O tráfico de mulheres, notas sobre a economia política do sexo* (1975), é um dos trabalhos precursores dos [estudos sobre gênero e sexualidade](#). Usando o termo gênero pela primeira vez em um texto de teoria antropológica, a autora faz uma leitura a contrapelo de obras de Karl Marx (1818-1883), Claude Lévi-Strauss (1908-2009) e Sigmund Freud (1856-1939).

A publicação do ensaio de Rubin, que integrou a coletânea *Toward an anthropology of women* (1975) editada por Rayna Reiter (1946-), foi peça fundamental na emergência de uma Antropologia feminista estadunidense, dando prosseguimento às contribuições da coletânea *Woman, culture and society* (1974), organizada por Michelle Rosaldo (1944-1981). Todas essas reflexões foram marcadas pela cena política do início da década 1970 nos Estados Unidos, com a segunda onda do feminismo, a luta contra a guerra do Vietnã, a contracultura e os movimentos por direitos civis. A inspiração principal para o ensaio de Rubin surgiu em um curso sobre economia tribal ministrado pelo antropólogo Marshall Sahlins (1930-) na Universidade de Michigan. Nessa que foi sua primeira experiência na Antropologia, a autora relata, em entrevista concedida à filósofa Judith Butler (1956-), ter se encantado pela riqueza da literatura etnográfica. Nesse período, a partir das leituras de *As Estruturas elementares do parentesco* (1949) de Lévi-Strauss e de um artigo de Louis Althusser (1918-1990) sobre Freud e Jacques Lacan (1901-1981) na *New*

Left Review, Rubin se deu conta de que era possível estabelecer relações entre todas essas abordagens.

Para a autora, os sistemas de parentesco não dizem respeito a parentes biológicos, mas são sistemas de categorias e de estatutos: formas empíricas e observáveis do sistema sexo-gênero. Em *As Estruturas elementares do parentesco* (1949), Lévi-Strauss observa ser o parentesco a imposição de uma organização cultural sobre a procriação biológica; a matriz dessa organização, aponta o autor, encontra-se no tabu do incesto e na troca de mulheres entre os homens. Apoiada na ideia levistraussiana de troca de mulheres – que reforça os argumentos da então nascente Antropologia feminista de que a opressão das mulheres estaria assentada em sistemas sociais e não na biologia – Rubin desenvolve seu argumento principal. Se parentesco é organização e confere poder, e se a troca de mulheres cria uma rede de relacionamentos que constitui a estrutura de parentesco, aos homens é conferido o poder de constituir o laço social. A troca de mulheres, afirma no ensaio de 1975, “é uma percepção profunda de um sistema no qual as mulheres não possuem plenos direitos sobre si mesmas”; para que esse sistema funcione bem, é preferível que a sexualidade feminina não corresponda aos seus desejos, mas aos de outros. Amparada na defesa de que o gênero é uma “divisão de sexos imposta socialmente”, e ainda dialogando com Lévi-Strauss, dessa vez com *A família* (1965), Rubin parte da ideia de que a divisão sexual do trabalho nada mais é do que um dispositivo para instituir um estado recíproco de dependência entre os sexos. Conclui, então, que a organização social do sexo é baseada no gênero, na heterossexualidade compulsória e na imposição de restrições à sexualidade feminina.

O tráfico de mulheres se debruça ainda sobre a relação entre as estruturas sociais e as psíquicas. Gayle Rubin vê o parentesco como a “culturalização” da sexualidade biológica e a Psicanálise como uma descrição da transformação da sexualidade biológica pela cultura. Nesse sentido, interpreta os ensaios sobre feminilidade de Freud como o relato de como o indivíduo, desde que nasce, é psicologicamente preparado para viver em meio à opressão. Associando Lévi-Strauss e Freud em

função do que julga serem as potências e as limitações das teorias desses autores, propõe uma terceira perspectiva: a do sistema sexo-gênero. A fase edípica corresponde ao momento em que a criança aprende as regras sexuais incutidas nos termos relativos aos parentes (pai e mãe), compreende esse sistema de normas e o seu lugar nele; é nessa fase que se dá a divisão dos sexos, pressuposto para o funcionamento dos sistemas de parentesco. Desse modo, desde criança, o indivíduo tem sua sexualidade, sua libido e sua identidade de gênero “organizadas em conformidade com as regras da cultura que a domestica”. Rubin argumenta que o conjunto de regras que rege os sistemas de parentesco gera a heterossexualidade compulsória. A crise de Édipo consiste, portanto, na assimilação dessas regras e tabus, na instituição do desejo heterossexual. E tanto o complexo de Édipo quanto o parentesco atribuem disparidades radicais entre os direitos dos meninos/homens e das meninas/mulheres. Conclui que o feminismo deve se empenhar na defesa de uma revolução no sistema de parentesco. Uma visão utópica, dirá ela mais tarde, em conversa com Butler.

Quase uma década depois, a autora repensa o sistema sexo-gênero proposto em *O tráfico de mulheres*. Em *Pensando o sexo* (1984) - ensaio no qual problematiza categorias hierárquicas de estratificação sexual, apontando as dimensões políticas da vida erótica - explica que, nos anos 1970, gênero e desejo sexual pareciam modalidades entrelaçadas do mesmo processo social. Essa perspectiva, ainda que possa mostrar-se adequada para olhar às organizações tribais, não o é para tratar da sexualidade nas sociedades industriais ocidentais. Se opondo à grande parte do pensamento feminista que trata a sexualidade como derivação do gênero, Rubin defende – diferentemente do que afirmou em *O tráfico de mulheres* – a importância de separar analiticamente gênero e sexualidade. Em 1984, insatisfeita com a forma com a qual o feminismo lidava com as práticas sexuais (principalmente as não convencionais), em um contexto de leis de repressão ao homossexualismo, e inspirada por *A história da sexualidade* (1976) de [Michel Foucault \(1926-1984\)](#), propõe, ao lado da crítica feminista à hierarquia de gênero, uma teoria radical do sexo.

As formulações de Rubin encontram enorme eco nos [estudos de Antropologia, de gênero e de sexualidade](#) no Brasil e no mundo. Seus ensaios foram o ponto de partida para uma série de importantes produções, entre as quais o *Is kinship always already heterosexual?* (2002) de Judith Butler. Questões como a distinção entre sexo e gênero, o pressuposto da heterossexualidade como lógica subjacente dos sistemas de parentesco, críticas às visões binárias das sexualidades e a relação entre a Antropologia e as construções das subjetividades são algumas das reflexões para as quais os escritos de Rubin são centrais.

COMO CITAR ESTE VERBETE

MONCAU, Gabriela. 2018. "Sistema sexo-gênero - Gayle Rubin". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/sistema-sexo-genero-gayle-rubin>

ISSN: 2676-038X (online)

PALAVRAS-CHAVE

antropologia norte-americana; feminismo; gênero; sexo

BIBLIOGRAFIA

RUBIN, Gayle & BUTLER, Judith, "Sexual traffic", *Differences: A Journal of Feminist Culture Studies*, vol. 6, n° 2-3, 1994, p. 62-99 (Trad. Bras. *Cadernos Pagu*, n° 21, Campinas, 2003, p.157-209)

MONCAU, Gabriela. 2018. "Sistema sexo-gênero - Gayle Rubin". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/sistema-sexo-genero-gayle-rubin>. ISSN: 2676-038X.

RUBIN, Gayle, "The trouble with trafficking: afterthoughts on "The traffic in women""
In: *Deviations: A Gayle Rubin reader*, London, Duke University Press, Durham &
London, 2011

RUBIN, Gayle, "The traffic in women: notes on the political economy of sex" In:
Rayna Reiter (org), *Toward an anthropology of women*. New York, Monthly View
Press, 1975 (Trad. Bras. Jamille Pinheiro Dias. In: *Políticas do sexo*, São Paulo, Ubu,
2017)

RUBIN, Gayle, "Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality"
In: Carole S. Vance (org), *Pleasure and danger: exploring female sexuality*, Boston,
Routledge & Kegan Paul, 1984 (Trad. Bras. Jamille Pinheiro Dias. In: *Políticas do
sexo*. São Paulo, Ubu, 2017)

MONCAU, Gabriela. 2018. "Sistema sexo-gênero - Gayle Rubin". In: *Enciclopédia de
Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia.
Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/sistema-sexo-genero-gayle-rubin>. ISSN:
2676-038X.